

O contexto específico das origens da Sociedade Bíblica e os seus «vários começos» em Portugal

*Há dois aspectos
fundamentais
a ter em conta no processo
da formação da BFBS
e da concretização
dos seus objectivos.
Em primeiro lugar,
o facto deste movimento
ter contado, desde o início,
com pessoas das mais
diversas tendências
doutrinárias
e confessionais
da Cristandade.
Em segundo lugar,
a BFBS pretendeu,
desde o início «encorajar
a circulação mais ampla
possível das Sagradas
Escrituras».*

Timóteo A. J. Cavaco
*Secretário-Geral
da Sociedade Bíblica
de Portugal*

O ambiente político e social muito particular que se fazia sentir em Portugal na primeira metade do século XIX explica, em grande medida, o caminho até certo ponto ínvio que o trabalho da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira (*British and Foreign Bible Society*, BFBS) percorreu no nosso país até se estabelecer definitivamente em 1864.

Na verdade, assistimos a cerca de 55 anos de várias tentativas ou “arremessos” tendentes à institucionalização deste trabalho, as quais não chegam a surtir qualquer efeito prático. Isto não quer dizer, no entanto, como veremos adiante, que não tenha sido realizado um importante conjunto de iniciativas completamente pioneiras que contribuíram de modo assombroso para a massificação do acesso à Bíblia não só em Portugal como nas diferentes paragens em todo o mundo de língua portuguesa, numa época em que o Império Colonial português passava por importantes transformações.

Procuraremos evidenciar aquilo em que o facto histórico é falho e omissivo. Ou seja, ao contrário do que sucede em grande parte das instituições, sejam elas de natureza empresarial, comercial, cultural, social, política ou religiosa, no caso da Sociedade Bíblica não podemos apontar uma data específica para o seu início em Portugal. Falaremos, assim, nos “três começos” específicos da Sociedade Bíblica para além de diversas diligências e iniciativas que foram sendo tomadas no período que medeia 1808/1809 e 1864, data esta em que, pela primei-

ra vez, se pode falar efectivamente de uma agência portuguesa da Sociedade Bíblica de Londres.

Uma Resposta a uma Necessidade

Laton Holmgren apresenta a formação da BFBS como uma resposta específica ao “caldo missionário” muito intenso e fervoroso que se vivia, fundamentalmente no Reino Unido, no século XVIII e que se estendeu ao século seguinte.¹ Neste contexto, a Bíblia era fundamental para o trabalho dos missionários, embora devesse ser apresentada numa língua que os povos, alvo dessa missão, pudessem entender. Aliás, tal já tinha acontecido no século III a.C. com a tradução das Escrituras hebraicas para grego de modo a servir a comunidade helénica, tradução essa que ficou conhecida como Septuaginta ou Versão dos Setenta. A mesma coisa acontece no século V da nossa era com o completamento da Vulgata, tradução de Jerónimo (c. 347-419) para o latim, língua que então dominava o mundo político e cultural. Ainda segundo Holmgren, as sociedades missionárias formadas no século XVIII “davam uma ênfase especial ao uso das escrituras nos ministérios da pregação e do ensino no contexto dos vários programas em execução”.² Este carisma centrado nas Escrituras tinha, aliás, sido directamente herdado do movimento da Reforma Protestante iniciado no século XVI por Lutero, Zuínglio e Calvino.

Assim, quando no dia 7 de Março de 1804 se reúnem cerca de 300 pessoas na *London Tavern*, em Bishopsgate Street, na cidade de Londres para dar início à BFBS não é de admirar que o principal assunto sobre a mesa fosse o papel da distribuição da Bíblia no trabalho e testemunho cristãos.³ Em boa verdade, no Reino Unido do início do século XIX nada havia de novo na ideia da formação de uma “Sociedade”, enquanto conjunto de pessoas com uma visão e objectivos comuns. Efectivamente, a BFBS efectivamente resultou da acção já desenvolvida na época pela Sociedade dos Tratados Religiosos (*Religious Tract Society*), tendo então iniciado as suas funções quase que em dependência desta, já que ela não apresentava como principal objectivo a produção e distribuição de Bíblias.⁴

Há dois aspectos fundamentais a ter em conta no processo de formação da BFBS e da concretização dos seus objectivos. Em primeiro lugar, o facto deste movimento ter contado desde o início com pessoas das mais diversas tendências doutrinárias e confessionais da Cristandade, embora sem o objectivo de sectarizarem este amplo movimento. As Sociedades Bíblicas constituíram-se, assim, desde o seu início, como um espaço de partilha, de diálogo e de trabalho conjunto em torno do mais importante livro para todos os cristãos. Em segundo lugar, a BFBS – tal como a sua designação indica – pretendeu desde o início “encorajar a circulação mais ampla possível das Sagradas

¹ Laton E. Holmgren, “Bible Societies” em *The Oxford Companion to the Bible* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993), 81.

² *Ibid.*, 80.

³ Roger Steer, *Good News for the World: 200 Years of Making the Bible Heard; the Story of Bible Society* (Oxford: Monarch Books, 2004), 64-5.

⁴ Wayne A. Detzler, “The Bible Societies” em *Eerdman’s Handbook to the History of Christianity* (Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1987), 557.

Escrituras [...]”,⁵ não circunscrevendo essa circulação às nações do Reino Unido. Aproveitando a vantagem estratégica do Império Colonial britânico daquela época e das suas alianças políticas e militares, a BFBS rapidamente chegou às mais recônditas partes do mundo.

Uma Rápida Travessia do Canal da Mancha

Entretanto, e por contraste, Portugal via-se a braços com uma situação política e social de enorme conflitualidade, tanto no plano interno como externo. Sob o ponto de vista religioso e missionário a realidade portuguesa era também de perfeito antagonismo em relação ao entusiasmo pietista que se vivia no Reino Unido e noutras partes da Europa, com especial destaque para os países protestantes. Porquê?

No campo político, Portugal assistia a uma séria ameaça à sua integridade territorial e identidade própria de mais de seis séculos, de um modo talvez ainda mais humilhante do que o que constitui o “degredo” dos 60 anos de domínio filipino nos séculos XVI e XVII. Portugal via-se no centro de um conflito internacional entre as duas grandes potências marítimas da época, França e Inglaterra, conflito esse que não tinha sido devidamente resolvido pela Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Já nessa época, mais concretamente em 1762, tinha havido uma tentativa de invasão do território continental português por parte de exércitos franco-espanhóis, tendo o apoio militar dos navios ingleses tardado em chegar.⁶ O que antes tinha sido um mero “aviso” revelava-se agora, no início do século XIX, uma preocupante realidade. Tal como diz José Hermano Saraiva “o domínio dos portos portugueses era indispensável para que a Inglaterra pudesse fazer respeitar o bloqueio continental, do mesmo modo que era necessário à França para que esta conseguisse realizar o bloqueio das Ilhas Britânicas”.⁷ Apesar dos progressos a que o país tinha assistido, em diversos domínios, durante o início do reinado de D. Maria I (1734-1816),⁸ nada foi suficiente para impedir o dever histórico operado na Europa, após a Revolução Francesa de 1789. A opção de Portugal em permanecer junto ao seu aliado histórico, a Inglaterra, embora rodeada de uma séria de ambiguidades, teria como consequência mais directa a invasão do território. Essa invasão acabaria por se consumar em 20 de Maio 1801, perdendo Portugal imediatamente as praças de Olivença e de Juromenha.⁹ Entretanto, as tropas britânicas reagem e em 1802 acabam por invadir a Madeira e Goa, em acções toleradas pelo Governo português. Em 1807 a situação torna-se incomportável e o Príncipe Regente, futuro D. João VI (1767-1826), juntamente com toda a família real e outras 15 000 pessoas da corte e da administração pública acabam por decidir a retirada para o Rio de Janeiro, no Brasil.¹⁰ No ano seguinte, chegariam a Portugal forças dos exércitos britânicos para sustentar o avanço francês.

⁵ Edwin H. Robertson, *Taking the Word to the World: 50 years of the United Bible Societies* (Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1996), xi.

⁶ José Hermano Saraiva, *História de Portugal* (Mem Martins: Publicações Europa-América, 1993), 272.

⁷ *Ibid.*, 300.

⁸ Isabel Alexandra Fernandes, *Reis e Rainhas de Portugal* (Cacém: Texto Editora, 2002), 63-4.

⁹ Saraiva, *História de Portugal*, 296.

¹⁰ José Hermano Saraiva, “As Invasões Francesas e a Crise do Fim do Regime” em *História de Portugal: Dirigida por José Hermano Saraiva*, vol. 5 (Lisboa: Publicações Alfa, 1983), 133.

No que concerne ao plano religioso e cultural, mormente nos domínios portugueses ultramarinos a situação não se podia considerar nada melhor do que a que se viva na metrópole. No Oriente, por exemplo, depois das conquistas do século XVI, Portugal viria a perder progressivamente as suas praças fundamentalmente em favor da Holanda, durante o século XVII. Este processo não se tratava de uma mera alternância política, mas também de um profundo revês à missionação católica dos jesuítas lusitanos, a qual contrastava com a dos calvinistas holandeses e luteranos dinamarqueses, tendo estes sempre procurado dar um grande destaque à utilização da Bíblia pelas comunidades nativas. A perda de influência dos missionários jesuítas acentua-se ainda mais após a lei do Marquês de Pombal (1699-1782), de 1759, que impedia os clérigos desta ordem religiosa de exercer a sua acção em Portugal e nos seus domínios ultramarinos, apesar das ligações anteriores que hoje se conhecem do Marquês à Companhia de Jesus.¹¹ Para além da progressiva autonomização da grande colónia em Terras de Vera Cruz, as nossas possessões em África encontravam-se desprotegidas e inexploradas.

É no contexto acima descrito que, do outro lado do Canal da Mancha, decorre a fundação, e dá os seus primeiros passos, a BFBS. O que no início é um trabalho incipiente, apesar de contar no seu seio com pessoas influentes como William Wilberforce,¹² vai ganhando maior protagonismo e penetração no território britânico, particularmente como resultado do estabelecimento de dezenas de *action groups* locais, inicialmente designados *Bible Society Auxiliaries*.¹³

Mas de onde provêm as condições objectivas para que os ventos que na Europa insular tinham animado a criação da BFBS rapidamente atravessem o Canal da Mancha e se instalem neste “jardim à beira-mar plantado”? Para tal acontecer muito contribuiu a já secular “amizade” luso-britânica que havia sido institucionalizada ainda no século XIV através do Tratado de Windsor, assinado em 1386, pelo que a influência britânica em Portugal remonta a alguns séculos anteriores à Guerra Peninsular. No entanto, razões políticas, económicas e militares, que adiante analisaremos em mais pormenor, ajudam a explicar que, apenas quatro anos após a fundação em Londres desta prestigiada instituição britânica, a BFBS já se preocupasse em fazer chegar a Bíblia aos portugueses.

Sociedade Bíblica, Protestantismo e Interconfessionalidade

Embora de modo algo paradoxal, é de salientar que os primórdios da acção da BFBS em Portugal estão intimamente associados ao desenvolvimento do protestantismo no nosso país. Dizemos paradoxal já que, não podendo negar as intenções

¹¹ Para confirmar esta alegação ver: António Lopes, *Marquês de Pombal e a Companhia de Jesus: Correspondência Inédita ao longo de 115 Cartas* (Cascais: Principia, 1999).

¹² Detzler, 557.

¹³ Steer, 99.

¹⁴ Palavra com origem no vocábulo francês “colporteur”, via latim, usado com a mesma grafia pelos ingleses, e que designava os vendedores ambulantes de Bíblias, comissionados pelas Sociedades Bíblicas, que em Portugal e noutras partes do mundo faziam a divulgação dos exemplares impressos da Bíblia em locais públicos como feiras, mercados, etc. Em Portugal foram também designados como belforinheiros; ver: Eduardo Moreira, “Os Protestantes em Portugal”, *O Século: Suplemento Ilustrado*, 21 de Abril de 1910, s/p.

proselitistas daqueles que desde bem cedo, de forma assombrosamente corajosa, passaram a distribuir exemplares das Sagradas Escrituras em português, também é verdade que perante a inexistência de comunidades protestantes de língua portuguesa na metrópole não se pode estabelecer, em bom rigor, uma ligação institucional ao protestantismo português. Essa ligação viria a ser progressivamente estabelecida dado que muitos dos “colportores”¹⁴ da Sociedade Bíblica estiveram na origem de várias comunidades protestantes, ou mesmo de certas denominações evangélicas, em diferentes partes do país, com especial incidência no interior do território continental. Diz Manuel P. Cardoso em relação a estes homens que eles “não se contentavam com vender um livro, mas eram autênticos evangelistas itinerantes”.¹⁵ Acrescenta ainda Cardoso:

“É naturalmente entre estes evangelistas da Sociedade Bíblica que se contam os mais sacrificados da Causa em Portugal: são perseguidos, caluniados, maltratados, humilhados e presos por autoridades que desobedecem à lei para agradar a sacerdotes de teologia estreita ou a leigos de fanatismo largo.”¹⁶

Apesar deste paradoxo nem sempre fácil de articular, a Sociedade Bíblica é, no contexto religioso cristão em Portugal, o movimento mais bem posicionado para promover o diálogo e as parcerias interconfessionais, já que pela sua história e pela sua longa tradição de abrangência tem procurado divulgar a Bíblia como livro de unidade, de paz e de concórdia entre todos os cristãos. A demonstrá-lo está o facto de durante quase século e meio (de 1821 até à década de 60 no século XX) ter editado a tradução católica do Padre António Pereira da Figueiredo (1725-1797) feita a partir da Vulgata Latina; também pela enorme coragem demonstrada pelo Rev. Augusto Esperança, à altura o representante da BFBS na sua agência portuguesa, ao iniciar um projecto de tradução da Bíblia a partir das línguas originais e que juntou uma equipa de eminentes biblistas católicos e protestantes, o que veio a dar origem em 1993 à primeira (e única, até agora) tradução interconfessional da Bíblia em português; mais recentemente, em 2004, ficou demonstrada a abrangência religiosa e cultural da Sociedade Bíblica através da iniciativa “A Bíblia Manuscrita” que apelou aos mais diversos quadrantes da sociedade portuguesa.

Pano de Fundo do Início da Operação da Sociedade Bíblica

Pode-se dizer que há duas forças fundamentais por trás do que viria a resultar no estabelecimento de uma agência portuguesa da BFBS. Uma dessas forças é de natureza militar. Com a saída da corte portuguesa para o Brasil em 1807 abria-se a porta à vinda de militares britânicos, cujo objectivo era auxiliar os portugueses descontentes com o domínio francês no seu território. Integrados nos pelotões britânicos encontravam-se muitos anglicanos e protestantes certamente habituados à leitura da Bíblia na sua própria língua, agora mais facilitada pela acção da BFBS, formada quatro anos antes. Pelo contrário, o conhecimento que a grande maioria dos portugueses tinha das

¹⁵ Manuel P. Cardoso, *Por Vilas e Cidades: Notas para a História do Protestantismo em Portugal* (Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998), 74.

¹⁶ *Ibid.*, 75-6.

Sagradas Escrituras era quase nulo. Talvez faça aqui sentido citar José da Cunha Brochado que, segundo José Hermano Saraiva, foi diplomata português em França nos tempos de D. João V (1689-1750):

“Em Portugal não há ciência, nem há política, nem há economia, nem há educação, nem há nobreza, e não há corte. As letras estavam desterradas; nos conventos apenas se sabia rezar o ofício divino; **ninguém sabia nem era versado em história da Bíblia e livros sagrados.**”¹⁷ [destaque nosso]

Assim, a preocupação dos capelães militares britânicos em assistir aos seus soldados com exemplares das Escrituras é rapidamente transferida para a distribuição aos próprios cidadãos portugueses que praticamente não conheciam a tradução de João Ferreira de Almeida (1628-1691) cuja publicação tinha sido completada mais de 50 anos antes na longínqua Batávia, actual cidade de Jacarta, na Indonésia, ou até mesmo a tradução de António Pereira de Figueiredo, em edição completa desde 1790. Existe documentação nas Coleções de Arquivos da BFBS¹⁸ que comprovam a preocupação dos capelães em fornecer exemplares de Novos Testamentos e Bíblias aos seus concidadãos, mas também temos informação documental relativa à preocupação em servir os portugueses, à qual aludiremos em pormenor mais adiante.¹⁹

Se a primeira força acaba por ter mais influência na região de Lisboa, a segunda força, a de carácter económico e comercial, acaba por ter mais preponderância no Porto, como resultado das transformações económico-sociais operadas no país, particularmente a partir da assinatura do Tratado de Methuen em 1703. Se consequências directas houve na frágil economia nacional, uma delas foi certamente a expansão do vinho do Porto e isto fundamentalmente devido à instalação naquela cidade e região de vários comerciantes ingleses que passarão a exportar o precioso néctar para o seu país de origem e para outras partes do seu vasto Império Colonial.²⁰ Tal como já vimos que viria a acontecer com os militares, também muitos destes comerciantes eram protestantes e com eles trouxeram o seu profundo respeito pela Bíblia e o interesse na sua divulgação pelo que, no início do século XIX, se viriam a tornar importantes propagadores dos objectivos da BFBS.

Encontramos assim uma comunidade britânica, tanto em Lisboa como no Porto fortemente comprometida com a transmissão da sua fé e sempre muito interessada no ensino dos valores e conhecimentos bíblicos ao povo português com quem se procura

¹⁷ Saraiva, *História de Portugal*, 241.

¹⁸ As Coleções de Arquivos da BFBS, com informação bibliográfico e documental, estão desde 1985 à guarda da Biblioteca da Universidade de Cambridge (*Cambridge University Library*, CUL), em Inglaterra.

¹⁹ Só do período de 1809 a 1812 existe correspondência de três diferentes capelães militares (William Kitt, Thomas Dennis e James Allott) estacionados em Portugal (Madeira e Lisboa) o que totaliza 9 cartas dirigidas à BFBS em Londres. No entanto, localizámos na secção de manuscritos das Coleções de Arquivos da BFBS na CUL 76 menções ao trabalho da difusão da Bíblia no nosso país, o que perfaz um total de mais de 500 cartas escritas de Portugal entre 1809 e 1895. Julgamos que estas cartas nunca foram consultadas de modo sistemático por qualquer investigador pelo que ali se encontra um precioso tesouro inexplorado, que certamente poderá dar importantes contribuições para um melhor conhecimento do trabalho de difusão bíblica no nosso país. Cambridge University Library/Janus, “BFBS Collections: Index of Foreign Correspondents”; disponível em <http://janus.lib.cam.ac.uk/db/node.xsp?id=BSA%2FX>; Internet; acedido em 27 de Agosto de 2005.

²⁰ Armando de Castro, “A Dinâmica Económica Portuguesa de Meados do Século XVII a Meados do Século XVIII” em *História de Portugal: Dirigida por José Hermano Saraiva*, vol. 5 (Lisboa: Publicações Alfa, 1983), 204-5.

envolver e doutrinar. Esta comunidade existia de uma forma permanente desde o século XVIII, tendo capelania autorizada desde 1725, embora já em 1654, através da assinatura do Tratado de Westminster fosse reconhecido à comunidade britânica residente em Portugal a possibilidade de praticarem os seus actos religiosos e litúrgicos em locais privados.²¹

Parece que esse mesmo interesse e envolvimento não terá contagiado da mesma forma a comunidade evangélica alemã em Portugal, cujo cemitério (e respectiva capelania) tinha sido autorizado em 1761.²² Diz Eduardo Moreira a este propósito:

“De um modo geral os alemães evangélicos ficavam praticamente desconhecidos do povo, tanto os negociantes como os diplomatas e os militares, destas últimas por ponderosas razões. Falava-se, é certo, de Lutero, com aquela atrábilis que todos conhecemos, atribuindo-lhe todos os vícios do Báratro; mas a qualidade de luteranos, de tantos cabos de guerra que aqui viveram em tão altas funções, num plano de defesa da nossa terra, parece não ter chamado muito a atenção do País.”²³

Não deve, porém, ser negligenciado o importante envolvimento do Rev. Dr. Schutze, da Igreja Evangélica Alemã que, segundo Eduardo Moreira, chegou mesmo a servir a BFBS como agente em Portugal.²⁴ Mesmo que assim não tenha sido, foi notável o seu amor à pátria portuguesa.

O “Primeiro Começo”: a Impressão Sistemática de Escrituras (1808-1835)

O ano de 1809 pode quase que ser considerado como que o de uma passagem de testemunho em termos das edições bíblicas de Almeida. Após um glorioso século XVIII com 13²⁵ diferentes edições do texto de Almeida²⁶ sempre impressas fora de Portugal e com destino às comunidades protestantes no Sul da Índia, Ceilão e Java, a língua portuguesa viria a perder quase por completo a sua influência no Extremo Oriente enquanto *língua franca*,²⁷ pelo que as tipografias de Batávia e Tranquebar acabariam por descontinuar a publicação do texto bíblico de João Ferreira de Almeida em 1810 com a última impressão de *O Livro dos Salmos de David*.²⁸ Uma outra conse-

²¹ João P. Henriques, “Os Protestantes e o seu Impacto Sócio-Cultural em Portugal: Contributos para a Elaboração de um Roteiro Turístico” (Tese de Licenciatura, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2004), 34.

²² Luís Aguiar Santos, “A Transformação do Campo Religioso Português” em *História Religiosa de Portugal*, vol. 3, *Religião e Secularização* (Lisboa: Círculo de Leitores, 2002), 448.

²³ Eduardo Moreira, *Vidas Convergentes* (Lisboa, Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958), 89.

²⁴ *Ibid.*, 179-80.

²⁵ Neste número estamos a incluir as edições do Novo Testamento integral impressas em 1681 (Amesterdão) e em 1693 (Batávia). Incluímos também aqui o Novo Testamento de 1712 que voltou a ser impresso em Amesterdão, embora com destino à comunidade de Tranquebar.

²⁶ Durante o século XVIII a Bíblia de Almeida nunca foi publicada em volume único. Isso só viria a acontecer em 1819 por acção da BFBS.

²⁷ Para conhecer em mais pormenor os contornos deste processo ver: David Lopes, *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII* – 2.^a edição (Porto: Portucalense Editora, 1969).

²⁸ Para uma listagem completa das edições do texto bíblico de Almeida entre os séculos XVII e XIX ver: T. H. Darlow e H. F. Moule, *Historical Catalogue of the Printed Editions of Holy Scriptures in the Library of the British and Foreign Bible Society*, vol. 2 (Londres: The Bible House, 1911), 1231-40.

quência directa desta perda de influência da língua lusa foi o encerramento da Igreja Portuguesa de Batávia (Reformada) onde o próprio João Ferreira de Almeida tinha ministrado.²⁹

Assim, a BFBS assinala o início da sua intervenção em Portugal não com a criação de uma instituição, mas sim com o início da divulgação das Sagradas Escrituras em português. Isto aconteceu precisamente nesse ano de 1809, embora o processo remonte ao ano anterior.

Embora a recém criada BFBS, no seu fervor e zelo missionários, pretendesse chegar não só à Inglaterra e País de Gales mas também ao resto do Império e de todo o mundo³⁰, a verdade é que houve razões mais directas e objectivas para que se iniciasse a edição de Bíblias em português. Essas mesmas razões vêm exaradas em *The Fifth Report of the British and Foreign Bible Society* do ano de 1809, embora referente ao ano anterior:

“The number of Portuguese at Portsmouth and other parts of this country, together with the facilities now afforded for communication with Portugal and the Portuguese Islands and Colonies, suggested the determination to print an edition of the New Testament in their language for their use.”³¹

Não se pense, porém, que foi pacífica a decisão em relação à escolha do texto bíblico a editar. É que, nesta altura, para além do texto de Almeida já profusamente difundido no Extremo Oriente, mas praticamente desconhecido na metrópole portuguesa, havia o texto do padre oratoriano António Pereira de Figueiredo que depois de se ter acabado de publicar pela primeira vez em 1790, tinha agora sido revista e impressa em segunda edição em 1804-1805.

Para os membros da Comissão de Traduções da BFBS não parecia haver dúvidas de que o texto a utilizar deveria ser o do pastor protestante João Ferreira de Almeida, mas um emigrante português em Inglaterra, Sr. Costa, recomendado à BFBS para ser o revisor das provas tipográficas, insistiu bastante para que se publicasse o texto de Figueiredo, visto ser mais recente. Por este motivo, a Comissão viria a reunir-se de novo, tendo, no entanto, acabado por escolher em definitivo o texto de Almeida, dado que este havia sido traduzido a partir da língua original, o grego.³²

Não podemos negligenciar o facto de 1808 ser precisamente o ano em que chegam a Portugal numerosas tropas britânicas depois da debandada da corte para o Brasil no ano anterior. Deve ser por essa razão que a BFBS fala em facilidade de comunicações. No entanto, parece-nos que, na ausência completa de comunidades protestantes nacionais e com uma situação política, social e económica completamente instável, a jovem instituição britânica não se prestou a arriscar a constituição de uma entidade formal em Portugal, atitude que a todos certamente parecerá sensata.

²⁹Eduardo Moreira refere-se a 1809 dizendo que “no Oriente esmaecia a luz da nossa língua e cultura, depois de três séculos de prestígio, ao encerrar-se na Ilha de Java a velha Igreja Evangélica Portuguesa” (*Vidas Convergentes*, 99). David Lopes refere que em 1816 a comunidade portuguesa se viria a incorporar na de língua malaia (*Expansão da Língua Portuguesa...*, 173).

³⁰Steer, 54.

³¹British and Foreign Bible Society, *The Fifth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1809), 10-1.

³²Estes elementos, infelizmente nunca publicados, são retirados da informação manuscrita que nos dá Thomas Pell Platt (1799-1852), bibliotecário da BFBS de 1823 a 1831, que reuniu as Actas da BFBS no que concerne às traduções bíblicas pela instituição. A obra deveria ter-se chamado “História das Traduções” mas nunca chegou a ser impressa.

A verdade é que a edição do Novo Testamento de Almeida acaba mesmo por avançar, sendo a sua impressão feita em Londres. Ainda não tinha chegado a hora do texto bíblico, a que João Ferreira de Almeida tinha dedicado quase toda a sua vida, ser publicado no país que o vira nascer. Aliás, isso só viria a acontecer pela primeira vez em 1840, na cidade do Porto, ou seja, exactamente 159 anos após a primeira edição do Novo Testamento em Amesterdão. Independentemente do local, o importante é que em 1809, mais de 100 anos após a morte de Almeida, o “seu” Novo Testamento era massivamente distribuído em Portugal. O texto que lhe serviu de base foi o publicado em 1712, em Amesterdão, embora tenha sofrido uma revisão ortográfica de um certo Usielli, sob a supervisão de Adam Clarke e de W. Blair. Foi feita uma tiragem de 5 000 exemplares, a maior parte dos quais distribuídos na ilha da Madeira, onde se reunia uma influente comunidade britânica.³³ Não sabemos se alguns destes exemplares vieram efectivamente a chegar aos refugiados políticos portugueses de Portsmouth, mas o Relatório da BFBS referente a 1810 diz-nos que os Novos Testamentos estavam a ser bem acolhidos em Portugal por pessoas de diferentes estratos.³⁴ Eram também distribuídas Bíblias e Novos Testamentos em inglês a soldados britânicos, particularmente aqueles que se encontravam hospitalizados.³⁵

Nestes primeiros anos a acção da BFBS em Portugal confunde-se com as edições bíblicas e sua distribuição. Não temos conhecimento da existência de uma estrutura formal nem mesmo da acção de colportores, embora se pressuponha que as influentes comunidades britânicas de Lisboa e do Porto (e mesmo de outros locais) endossassem estas acções de distribuição, para além, claro está, do trabalho dos militares. A comunidade germânica (alemães e holandeses) também deve ter participado neste esforço inicial.

Em 1811 é feita uma reimpressão do Novo Testamento de Almeida (10 000 exemplares) tendo em conta que havia também um pedido de 1 000 exemplares para Calcutá, na Índia, destinado igualmente aos *portugueses nativos* da Costa de Coromandel, Malabar e Ceilão. Uma terceira impressão de 5000 exemplares é feita em 1813 dos quais 2000 se destinam novamente a Calcutá e em 1817 há uma quarta edição do Novo Testamento de Almeida, de 5000 exemplares, mas sem quaisquer notas de rodapé.³⁶

Cabe aqui fazer um parêntesis e voltar a nossa atenção novamente para Londres. Eduardo Moreira aduz de forma clara a situação que então se viveu do outro lado do Canal da Mancha mas com repercussões no território luso. Diz Moreira:

“Como a Sociedade Bíblica Britânica desde início se declarara não-confessional, e é possível que até de seitas heréticas tivesse recebido subsídios, alguns protestantes rígidos fundaram então a Sociedade Trinitária, condenando por palavras e actos a latitude de tolerância em que a Britânica se colocara, e também a editoração que fizera das versões bíblicas de origem católica-romana, dos P.^{es} Glaire (a francesa), Scio (a castelhana) e Figueiredo (a portuguesa); assim como a inclusão, uma vez pelo menos efectuada, dos *deuterocanónicos* do Tridentino, a que poderemos talvez chamar *pseudocanónicos* (para não confundilos com aqueles livros que todas as confissões cristãs consideram apócrifos).”³⁷

³³ Darlow e Moule, 1240.

³⁴ British and Foreign Bible Society, *The Seventh Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1811), 34.

³⁵ *Ibid.*, 108.

³⁶ Darlow e Moule, 1240-1.

³⁷ Moreira, *Vidas Convergentes*, 100.

Efectivamente, nesta época viveram-se tempos conturbados em Londres, no seio da BFBS e dos seus apoiantes, devido a esta “latitude” de que fala Moreira, assumida desde o princípio, mas nem sempre por todos compreendida. Entre outras razões de ordem doutrinária que estiveram na origem de alguns problemas conta-se a publicação de traduções católicas e a inclusão nelas dos chamados “livros apócrifos”.³⁸ A verdade é que praticamente todas as traduções protestantes feitas a partir do século XVI (incluindo a tradução alemã do próprio Lutero) juntavam estes livros ao chamado “cânone palestino” que constitui o texto-padrão do Antigo Testamento, ou seja o texto masorético. Nas edições protestantes estes livros eram geralmente colocados, em secção separada, entre o Antigo e o Novo Testamentos, ou mesmo no final do Novo Testamento. Assim, esta prática foi seguida em algumas edições da BFBS nos primeiros 20 anos da sua existência.

Nas edições feitas em Portugal esse problema ainda não se colocara por duas razões. Em primeiro lugar, até 1819 a BFBS só editou o Novo Testamento. Mesmo quando a BFBS decidiu interromper a publicação do Novo Testamento de Almeida (em 1817) e começar a publicar o texto católico de Figueiredo (5000 exemplares impressos a partir de uma edição de 1805 da editora Bertrand), em 1818,³⁹ não se gerou grande problema, pois o cânone neo-testamentário e exactamente igual para todos os cristãos. Para além do mais, a referida interrupção na publicação do texto de Almeida não se fez sem que pela primeira vez na história das edições deste texto se editasse uma Bíblia completa em volume único: isto aconteceu em 1819.⁴⁰ Desta Bíblia foram impressos 5000 exemplares com uma edição em separado do Novo Testamento (mais 5000 exemplares),⁴¹ mas também não levantou qualquer celeuma pois o texto não incluía os livros deuterocanónicos.

Em 1821 é impressa em Londres, a expensas da BFBS, uma edição da Bíblia completa de Figueiredo (5000 exemplares), porém sem quaisquer notas, como era regra das Sociedades Bíblicas.⁴² No entanto, os livros deuterocanónicos estão lá incluídos e ordenados segundo a Vulgata Latina, ou seja, sem qualquer separação dos restantes livros do Antigo Testamento. Este facto demonstra que nesta época, apesar da BFBS ser dirigida por protestantes, esta não era uma questão fundamental no que concerne às edições bíblicas, pelo menos para aqueles que tomavam este tipo de decisões. A verdade é que em 1825, de modo a evitar o desenvolvimento de maiores polémicas, a BFBS acabou por retirar os livros deuterocanónicos das suas edições.⁴³ Assim se explica que a edição de 1828 da Bíblia de Figueiredo, impressa novamente em Londres, já não contenha os deuterocanónicos.⁴⁴ Estes livros só voltaram a surgir nas edições interconfessionais a partir de 1968, quando foi assinado um acordo especial entre as Sociedades Bíblicas Unidas (*United Bible Societies*) e o Vaticano, através do que é hoje o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos.⁴⁵

³⁸ Steer, 160.

³⁹ Darlow e Moule, 1240-1.

⁴⁰ João Ferreira de Almeida faleceu em Batávia no ano de 1691 (provavelmente a 6 de Agosto), quando se encontrava a traduzir o livro de Ezequiel (o último versículo que traduziu foi 48:21). Nem ele nem os seus seguidores, em particular Jacobus op den Akker, que concluiu a tradução do Antigo Testamento no início do século XVIII, alguma vez mencionaram se tinham ou não intenção de traduzir os “livros apócrifos”.

⁴¹ Darlow e Moule, 1242.

⁴² *Ibid.*

⁴³ Detzler, 558.

⁴⁴ Darlow e Moule, 1244.

⁴⁵ Quando o Acordo foi assinado e mesmo quando foi revisto em 1987 esta entidade da Santa Sé designava-se “Secretariado para a Promoção da Unidade dos Cristãos”.

Como já mencionámos, este primeiro período de acção da BFBS em Portugal não se traduz na existência de uma instituição propriamente dita e, como tal, o trabalho desenvolvido não se revela muito sistemático. Esta situação explica o facto dos Relatórios Anuais da BFBS exprimirem com grande frequência um certo desapontamento por não se apresentarem resultados mais visíveis no nosso país,⁴⁶ optando mesmo os responsáveis da BFBS por muitas vezes omitir quaisquer referências a Portugal. Não se pode porém ignorar o serviço da operosa comunidade britânica em Portugal, tal como é demonstrável na abundante correspondência que se encontra nas Coleções de Arquivos da BFBS, proveniente tanto de capelães militares, como de ministros de culto, ou mesmo outros cidadãos, particularmente senhoras.⁴⁷

Há meia dúzia de situações a que gostaríamos de dar destaque e que se depreendem das já referidas Coleções de Arquivos da BFBS.⁴⁸ Em primeiro lugar faz-se menção ao Rev. Henry Daniel Leeves, agente da BFBS, e que em 1816 terá estado na Madeira.⁴⁹ É esta a primeira referência a um agente da BFBS em território português. Em segundo lugar, referem-se 53 cartas de Francis H. Roughton, também ele agente da BFBS em Lisboa, cartas essas que são escritas no período compreendido entre 1827 e 1872.⁵⁰ Julgamos, no entanto, haver aqui alguma confusão entre Francis Roughton (pai) e Francis Roughton (filho). Não sabemos se ambos terão sido agentes da BFBS em Lisboa, mas a referência que temos à nomeação de um F. H. Roughton como agente em Lisboa é muito posterior a 1827.⁵¹ Por outro lado, tanto Eduardo Moreira⁵² como Manuel P. Cardoso⁵³ mencionam que o agente da BFBS, F. H. Roughton era filho da famosa pregadora e educadora protestante Ellen Roughton, nascida em Lisboa em 1802.⁵⁴ Ora, custa-nos assim a crer que Ellen Roughton em 1827 tivesse já um filho a escrever cartas para Londres, dirigidas à BFBS. Uma terceira nota para uma carta escrita em 1830, remetida da ilha Terceira, nos Açores, e assinada pelo Conde de Vila Flor.⁵⁵ Ora este conde, a quem mais tarde foi outorgado o título de Marquês de Vila Flor, viria a ficar mais conhecido para a posteridade com um outro título nobiliárquico, o de Duque da Terceira. De seu nome António José de Noronha distinguiu-se na luta pelos valores do liberalismo então em perigo, e ocupou mais tarde diferentes posições no Governo da nação entre as quais a de Presidente do Conselho.⁵⁶ Ainda dos Açores

⁴⁶ British and Foreign Bible Society, *The Eighteenth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1822), lviii; British and Foreign Bible Society, *The Twenty-First Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1825), xx; British and Foreign Bible Society, *The Twenty-Second Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1826), xxxi-xxxii; British and Foreign Bible Society, *The Twenty-Third Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1827), xlii; British and Foreign Bible Society, *The Twenty-Seventh Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1831), xlii-xliii; British and Foreign Bible Society, *The Twenty-Ninth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1833), xlvi.

⁴⁷ Cambridge University Library/Janus.

⁴⁸ Lamentavelmente não nos foi possível, em tempo, consultar o conteúdo desta correspondência, embora a listagem da mesma nos dê algumas informações preciosas.

⁴⁹ *Ibid.*

⁵⁰ *Ibid.*

⁵¹ British and Foreign Bible Society, *The Sixty-First Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1865), 104.

⁵² Moreira, *Vidas Convergentes*, 210.

⁵³ Cardoso, 33.

⁵⁴ Moreira, *Vidas Convergente*, 214.

⁵⁵ Cambridge University Library/Janus.

⁵⁶ António Martins da Silva, "A Vitória Definitiva do Liberalismo e a Instabilidade Constitucional: Caratismo, Setembrismo e Cabralismo", em *História de Portugal: Direcção de José Mattoso*, vol. 5, *O Liberalismo* (Lisboa: Editorial Estampa, 1993), 89.

(também da ilha Terceira) é escrita uma outra interessante carta, em 1832, de uma senhora identificada como A. Mascarenhas Mouzinho d'Albuquerque agradecendo à BFBS as Escrituras que esta lhe havia enviado.⁵⁷ Muito provavelmente esta senhora estará aparentada com os famosos Mouzinho de Albuquerque, um deles (Luís da Silva), que acompanhou o já referido Duque da Terceira nas lutas liberais, e o outro (José Diogo de Mascarenhas), pai do explorador africano do século XIX. Finalmente, uma sucinta nota em relação à carta do padre católico Bernardo Romini que de Angola escrevia em 1834 a solicitar Novos Testamentos à BFBS em Londres.⁵⁸

**O “Segundo Começo”:
Falso Alarme? (1835-1864)**

O Relatório da BFBS referente ao ano de 1833, embora muito sucinto no que concerne a Portugal, apresenta palavras de um certo optimismo por parte dos dirigentes em Londres, o que nunca parecia ter acontecido anteriormente.⁵⁹ O Relatório respeitante a 1834 é ainda mais encorajador e refere até uma carta proveniente do Porto em que o seu autor se congratula com uma lei promulgada que permitia a livre importação de livros, entre os quais se incluíam Bíblias e Novos Testamentos.⁶⁰ Parece ser este um bom indício das transformações que se anunciavam no país e no trabalho da difusão da Bíblia em Portugal.

Mais uma vez, torna-se deveras evidente a relação entre as transformações políticas e sociais operadas em Portugal, e os diferentes momentos da acção da BFBS em Portugal. De facto, o ano de 1834 tinha começado com muita instabilidade para toda a Península Ibérica.⁶¹ Em Portugal, concretamente, assinada a Convenção de Évora-Monte o país mergulhava numa situação um tanto paradoxal, já que se por um lado este acto formal marcava o fim da fratricida guerra civil, por outro lado o país viria a assistir a “um período de instabilidade e sobressalto político que iria prolongar-se até aos meados do século”.⁶² Ainda assim, a vitória das forças liberais sobre os exércitos de D. Miguel, um tradicional aliado de Roma, talvez tenha conferido maior tranquilidade aos responsáveis britânicos da BFBS, razão pela qual eles vêm com tanto entusiasmo o desenvolvimento da distribuição bíblica em Portugal. Sob o ponto de vista religioso este ano fica marcado pelo célebre Decreto de 30 de Maio “que extinguiu em todo o reino as ordens religiosas masculinas e nacionalizou todos os seus bens, à excepção de uns poucos consideráveis indispensáveis ao serviço religioso”.⁶³

Estavam assim, aparentemente, criadas as condições para a institucionalização de uma agência da BFBS em Portugal. O Relatório de 1835 anuncia que havia sido criada

⁵⁷ Cambridge University Library/Janus.

⁵⁸ *Ibid.*

⁵⁹ British and Foreign Bible Society, *The Thirtieth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1834), lv.

⁶⁰ British and Foreign Bible Society, *The Thirty-First Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1835), xlvi.

⁶¹ Em Espanha, a morte, em 1833, do rei absolutista Fernando VII, irmão da rainha portuguesa D. Carlota Joaquina (mulher de D. João VI), viria também a fazer mergulhar o país vizinho numa sangrenta guerra civil, já que o infante D. Carlos (apoiantes de D. Miguel em Portugal) não aceitava a regência de D. Maria Cristina, mulher do falecido rei. Para mais pormenores, ver: Silva, 93.

⁶² Saraiva, *História de Portugal*, 391.

⁶³ Silva, 98.

uma Comissão em Lisboa com o propósito de promover a circulação das Escrituras.⁶⁴ Nenhuma outra referência a esta Comissão temos encontrado com exceção da descrição detalhada que dela dá Albert Aspey, mencionando inclusivamente os nomes de quem a constituía, a saber:

“Mr. James Pring, da firma Pring and Adams.
Sr. Libânio Gomes, da Alfândega Real, cavalheiro português, Lisboa.
Francis Roughton, da firma Roughton and Berwick, London.
Francis Roughton and Company – Lisboa.”⁶⁵

Ainda segundo Aspey, esta carta havia sido enviada para a BFBS em Londres pelo Dr. William H. Rule, missionário em Gibraltar entre 1832 e 1841.⁶⁶ Há, porém, um importante nome por trás desta diligência: Vicente Gomez y Togar. Gomez tinha formação em medicina e conheceu Rule quando fugiu para Gibraltar em virtude da perseguição que lhe tinha sido infligida pelas autoridades espanholas, pelo facto de expressar publicamente as suas ideias liberais enquanto cónego da Catedral de Málaga. Gomez acaba por se refugiar em Londres, onde é aceite na Igreja Anglicana.⁶⁷ Algum tempo depois, manifestando a intenção de exercer medicina em Lisboa, apresenta-se à Sociedade Missionária Europeia (Metodista) para formar em Lisboa uma “sociedade metodista religiosa”.⁶⁸ É também por meio de Gomez que se constitui a já referida Comissão da Sociedade Bíblica, a qual não parece ter despertado grande entusiasmo por parte dos responsáveis da BFBS em Londres.

Deste modo, quando George Borrow chega a Portugal a 12 de Novembro de 1835 parece ignorar por completo a Comissão formada por Gomez que, diga-se em abono da verdade, por esta altura do ano já deveria estar completamente atomizada e inoperante. Não desprezando os esforços bem intencionados de Gomez, é Borrow o nome incontornável no estabelecimento de uma Sociedade Bíblica em Portugal e Novembro de 1835 a data em que deve ser comemorada a fundação deste importante ministério cristão no nosso país. George Henry Borrow (1803-1881) foi um cidadão britânico muito viajado que, ao serviço da BFBS, levou a mensagem bíblica a diversos povos. Depois de um frutuoso período na Rússia, Borrow é enviado para a Península Ibérica, embora a sua intenção inicial fosse continuar o trabalho na Rússia e chegar mesmo à China. Mas Borrow acabou mesmo por se dirigir para Portugal com a intenção de confirmar os agentes da BFBS entretanto nomeados em Portugal: John Wilby,⁶⁹ um comerciante de Lisboa, e o Rev. Edward Whiteley,⁷⁰ que mantinha o depósito no Porto.⁷¹

Como já referimos, Borrow chega a Lisboa no dia 12 de Novembro de 1835, a bordo do navio britânico *London Merchant*. Segundo o seu próprio relato não foi a melhor a

⁶⁴ *The Thirty-First Report*, xviii.

⁶⁵ Albert Aspey, *Por Este Caminho: Origem e Progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX; Umás Páginas da História da Procura da Liberdade Religiosa* (Porto: Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, 1971), 21. Mais uma vez encontramos referência a dois Francis Roughton que poderiam ser pai e filho.

⁶⁶ *Ibid.*, 16-7.

⁶⁷ Moreira, *Vidas Convergentes*, 142.

⁶⁸ Aspey, 19.

⁶⁹ De acordo com as Coleções de Arquivos da BFBS, Wilby deve-se ter mantido agente em Lisboa entre 1835 e 1860.

⁷⁰ De acordo com as mesmas Coleções de Arquivos acima mencionados, Whiteley ter-se-á mantido agente no Porto entre 1835 e 1869.

⁷¹ José Flores, *Jorge Borrow y la Biblia* (Madrid: Literatura Cristiana, 1960), 65-6.

primeira impressão que teve de Lisboa, pois sentiu-se vexado pela atitude dos agentes da alfândega.⁷² Nos primeiros dias, dada a ausência de Wilby da cidade de Lisboa, Borrow decide visitar as redondezas, mas de volta a Lisboa apresenta, com grande optimismo, os seus planos ao comerciante britânico. No entanto, Wilby aconselha-o a ser mais cauteloso, dados os condicionalismos religiosos do país, cautela essa a que Borrow acaba por anuir.⁷³ Durante os menos de dois meses que Borrow permanece em Portugal trabalha extensivamente no Alentejo até que em inícios de 1836 se desloca para Espanha, país este que visitaria por diversas vezes ao longo de vários anos.

George Borrow deve ter sido uma pessoa tão impetuosa quanto entusiasmante. No entanto, parece-nos que não conseguiu transmitir devidamente esse entusiasmo pela difusão das Escrituras, já que em poucos anos a acção da agência portuguesa da BFBS volta a ser alvo de desoladores comentários nos Relatórios da BFBS⁷⁴ ou mesmo da completa ausência de referências. O Relatório referente a 1836 refere a visita de George Borrow,⁷⁵ o de 1838 refere a acção de Vicente Gomez⁷⁶ mas o de 1839 já é muito circunspeto no respeitante ao trabalho efectivamente realizado.⁷⁷

Num ambiente de forte perseguição e restrições à livre circulação das Sagradas Escrituras, compreende-se que pouco pudesse ser feito a fim de alcançar os objectivos a que George Borrow e a BFBS se tinham proposto ao iniciar o trabalho em Portugal em 1835. De facto, eram notórias as fortes restrições que se colocavam ao desenvolvimento de quaisquer acções provenientes dos meios protestantes. No dizer de Luís Aguiar Santos:

“Esta situação explica a importância que os grupos bíblicos domésticos e de oração e a actividade da SBBE tiveram na preservação da vivência religiosa protestante e na capacidade que esta demonstrou de ir atraindo mais fiéis num ambiente em que se pretendia paralisar ou desencorajar todas as formas ostensivas de proselitismo.”⁷⁸

⁷²George Borrow, *The Bible in Spain: Or, the Journeys, Adventures, and Imprisonments of an Englishman in an Attempt to Circulate the Scriptures in the Peninsula* (Londres: John Murray, 1928), 3-4.

⁷³*Ibid.*, 16.

⁷⁴British and Foreign Bible Society, *The Forty-Second Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1846), lxxviii-lxix; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Third Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1847), lxxviii; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Fourth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1848), lxxv-lxxvi; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Fifth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1849), xcvi-xcvii; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Sixth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1850), lxxvii; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Seventh Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1851), lxvi; British and Foreign Bible Society, *The Forty-Eighth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1852), lxix; British and Foreign Bible Society, *The Fifty-First Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1855), lxvi; British and Foreign Bible Society, *The Fifty-Fifth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1859), 114-5; British and Foreign Bible Society, *The Fifty-Sixth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1860), 63; British and Foreign Bible Society, *The Fifty-Seventh Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1861), 83; British and Foreign Bible Society, *The Fifty-Ninth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1863), 93; British and Foreign Bible Society, *The Sixtieth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1864), 83.

⁷⁵British and Foreign Bible Society, *The Thirty-Second Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1836), xl.

⁷⁶British and Foreign Bible Society, *The Thirty-Third Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1837), lvii.

⁷⁷British and Foreign Bible Society, *The Thirty-Fifth Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1839), xlvii.

⁷⁸Santos, 451.

Apesar dos condicionalismos, continua a ser desenvolvido importante labor no âmbito das publicações de Escrituras em português. Como já referimos acima, uma nova edição do Novo Testamento de Almeida é impressa em 1840, desta feita na cidade do Porto, ou seja, pela primeira vez em Portugal. Esta edição é preparada pelo próprio Rev. Whitely, a partir da edição do Novo Testamento de 1693 de Batávia, sendo impressos 2000 exemplares.⁷⁹ No mesmo ano o Relatório da BFBS regista uma importante declaração da Real Academia de Ciências de Lisboa que assim versava:

“É de lamentar profundamente que estrangeiros tenham já editado fora do país cinco edições da tradução do Novo Testamento de Almeida; nós não temos nem uma que seja nacional, embora assim o merecêssemos, não só por ser produção de um autor português mas também por ser uma excelente versão e muito rara.”⁸⁰

Ainda no domínio das publicações é digno de registo o facto do Novo Testamento de Almeida passar a ser também impresso pela Sociedade Bíblia Americana (*American Bible Society*, ABS) a partir de 1847. Estas edições destinavam-se fundamentalmente às comunidades portuguesas protestantes que haviam fugido para a América do Norte como resultado da forte perseguição religiosa a que tinham ficado sujeitos, na ilha da Madeira, tal como mais adiante referiremos. Ainda no mesmo ano a BFBS volta a editar o Novo Testamento de Figueiredo e dois anos depois a Bíblia completa de Figueiredo, sendo feita nova reimpressão em 1850. Embora se desconheça se em acção concertada ou não, a verdade é que daqui até ao final deste período (em 1864), a BFBS não voltaria a editar o texto de Almeida enquanto a ABS editava apenas este texto. Assim, a BFBS voltaria a editar o Novo Testamento de Figueiredo em 1856 e a Bíblia completa (também de Figueiredo, mas sem os deuterocanónicos) em 1858 e 1860.⁸¹ Por sua vez, a ABS editaria o Novo Testamento de Almeida em 1857. Neste ano foram feitas duas edições do Novo Testamento, uma das quais em versão bilingue, inglês e português, tendo sido a versão portuguesa revista pelo Rev. António de Matos, um dos “exilados da Madeira” fugidos para a América do Norte, e que viria a ser pastor da Igreja Presbiteriana de Lisboa em 1870.⁸² A Bíblia completa (de Almeida) foi publicada em 1857.⁸³

Passar-se-iam assim quase 30 anos desde a marcante visita de George Borrow mas sem que significativos desenvolvimentos se viessem a verificar na acção da agência portuguesa da BFBS. Há, todavia, que destacar dois episódios que ocorrem neste período e que são dignos de nota. Um deles está relacionado com o trabalho missionário desenvolvido pelo médico escocês Robert Reid Kalley (1809-1888) na ilha da Madeira, a que já aludimos. Esta ilha paradisíaca era já então procurada por muitos britânicos, alguns dos quais ali desenvolveram importante trabalho de educação, utilizando a Bíblia como meio, mesmo antes de Kalley chegar.⁸⁴ As Coleções de Arquivos da BFBS

⁷⁹ Darley e Moule, 1244.

⁸⁰ British and Foreign Bible Society, *The Thirty-Seventh Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1841), liv.

⁸¹ Darley e Moule, 1245-6.

⁸² Cardoso, 33-4.

⁸³ Darley e Moule, 1245-6.

⁸⁴ Veja-se o caso de Elizabeth Phelps e de Wallis Barr que desde 1834 ali procuravam disseminar a Bíblia em escolas.

guardam também uma carta pastoral do padre católico-romano Alfredo António, Vigário-Geral da Diocese do Funchal, que em 1836 recomendava a leitura da Bíblia aos fiéis das suas comunidades.⁸⁵ Kalley chega à Madeira em 1839 e até recebe, no início da sua permanência ali, manifestações de apreço, já que o médico escocês concilia a prática da medicina e da assistência aos mais pobres com o ensino da Bíblia. No entanto, a Bíblia, sempre a Bíblia, começa a mudar certas mentalidades obscurantistas com quem Kalley se cruza. Diz Ferreira Fernandes que “o escândalo atinge o ponto de não retorno quando, no início de 1843, dois madeirenses se convertem publicamente”.⁸⁶ A intolerância das autoridades civis e religiosas da época levam a que Kalley se visse obrigado a fugir da ilha em 1845 e com ele cerca de dois mil cidadãos portugueses que acabaram por se espalhar pelo Brasil, Caraíbas e Estados Unidos.

Um outro episódio a merecer registo é o que se passa num outro arquipélago, o dos Açores, sensivelmente na mesma altura. Em 1840, um exemplar da Bíblia de Figueiredo de 1828 era oferecido ao Governador Civil da ilha Terceira, José Silvestre Ribeiro, mais tarde Ministro da Justiça (1857-1858), oferta esta feita por Hilliard Alton, Vice-Cônsul britânico naquela ilha.⁸⁷ A intenção do Vice-Cônsul era pedir autorização às autoridades civis para a distribuição desta edição aos mais pobres. Após consulta ao Patriarca-Arcebispo eleito de Lisboa, D. Francisco de S. Luiz (1766-1845), mais tarde conhecido como Cardeal Saraiva, a rainha D. Maria II (1819-1853) acabou por autorizar esta pretensão com a expressa indicação de que não fossem cobrados direitos alfândegários às Bíblias que entrassem no porto de Angra do Heroísmo. É por essa razão que, a partir de 1890, as Bíblias de Figueiredo passaram a ser impressas pela BFBS com a indicação “Da edição aprovada em 1842 pela rainha D. Maria II, com a consulta do Patriarca Arcebispo eleito de Lisboa.”⁸⁸ Assim, Eduardo Moreira diz:

“A este [Cardeal Saraiva], e ao governo de Costa Cabral, devem os Portugueses cristãos reformados, bem diminutos nessa altura, a portaria tolerante que lhes permitiu, em 1842, pôr nas mãos do povo a versão bíblica de Figueiredo sem notas e sem os livros pseudocanónicos”.⁸⁹

O “Terceiro Começo”: a Implantação Definitiva (1864)

Estava o país ainda abalado com a morte inesperada do rei D. Pedro V (1837-1861) quando o Rev. W. P. Tiddy, em representação da BFBS, visita Lisboa, a fim de tentar dinamizar o trabalho em Portugal. O Relatório referente a 1864 traça claramente como estratégia que se passassem a imprimir as Bíblias em Portugal, de forma a contornar a enorme dificuldade em fazê-las passar pelas alfândegas do país. Nota-se também grande esperança de que o novo agente em Lisboa, F. H. Roughton, profundo conhecedor da realidade nacional, pudesse contribuir para a expansão da acção da agên-

⁸⁵ Cambridge University Library / Janus.

⁸⁶ Ferreira Fernandes, *Madeirenses Errantes* (Lisboa: Oficina do Livro, 2004), 47.

⁸⁷ Julgamos que neste aspecto Eduardo Moreira estaria errado ao presumir que a oferta teria sido feita por Thomas Carew Hunt, Cônsul Britânico, mas na ilha de S. Miguel (*Vidas Convergentes*, 168).

⁸⁸ Darlow e Moule, 1243.

⁸⁹ Eduardo Moreira, *Crisóstomo Português: Elementos para a História do Púlpito* (Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1957), 310.

cia portuguesa da BFBS⁹⁰ Acrescentamos ainda que o trabalho de colportagem, que em breve viria a ser desenvolvido, também se revelou crucial para que finalmente se pudesse falar numa instituição operante e relevante no país.

Não podemos ignorar nesta época o clima de discussão pública sobre a liberdade de cultos e a questão do desaparecimento da religião oficial. No entanto, as autoridades civis mantinham-se extremamente cautelosas nesta matéria pelo que viria a ser recusada “a proposta de separação entre o poder civil e a esfera espiritual [...] e de contestar o pluralismo religioso”.⁹¹

Tinham assim passado 55 anos desde que a impressão do Novo Testamento de Almeida havia sido requerida para servir os exilados políticos portugueses em Portsmouth, no sul da Inglaterra. Tal como esse Novo Testamento, planeado para ser distribuído num local mas que acabou distribuído noutra (na ilha da Madeira), nem tudo o que aconteceu nestes 55 anos tinha sido previsto ou planeado. É possível perceber frustrações, incompreensões, por vezes entrecortadas por rasgos de esperança e de entusiasmo. Na verdade, na verdade, nada mudou de tão profundo na acção que a Sociedade Bíblica ainda hoje desenvolve no nosso país. Acima de tudo, fica a firme convicção de que todos os que têm procurado contribuir para a plena consumação da missão atribuída à Sociedade Bíblica ao longo destes últimos 141 anos, ou se quisermos 170 anos, ou ainda, se quisermos 196 anos, estão investidos de uma nobre responsabilidade e de que, através dela, podem ajudar a transformar vidas.

Bibliografia

- Aspey, Albert. *Por Este Caminho: Origem e Progresso do Metodismo em Portugal no Século XIX; Umas Páginas da História da Procura da Liberdade Religiosa*. Porto: Sínodo da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, 1971.
- Borrow, George. *The Bible in Spain: Or, the Journeys, Adventures, and Imprisonments of an Englishman in an Attempt to Circulate the Scriptures in the Peninsula*. Londres: John Murray, 1928.
- British and Foreign Bible Society. *The Fifth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1809.
- _____. *The Seventh Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1811.
- _____. *The Eighteenth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1822.
- _____. *The Twenty-First Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1825.
- _____. *The Twenty-Second Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1826.
- _____. *The Twenty-Third Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1827.
- _____. *The Twenty-Seventh Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1831.
- _____. *The Twenty-Ninth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1833.
- _____. *The Thirtieth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1834.
- _____. *The Thirty-First Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1835.
- _____. *The Thirty-Second Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1836.

⁹⁰ British and Foreign Bible Society, *The Sixty-First Report* (Londres: British and Foreign Bible Society, 1865), 103-4.

⁹¹ Vítor Neto, “O Estado e a Igreja” em *História de Portugal: Direcção de José Mattoso*, vol. 5, *O Liberalismo* (Lisboa: Editorial Estampa, 1993), 274.

- _____. *The Thirty-Third Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1837.
- _____. *The Thirty-Fifth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1839.
- _____. *The Thirty-Seventh Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1841.
- _____. *The Forty-Second Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1846.
- _____. *The Forty-Third Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1847.
- _____. *The Forty-Fourth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1848.
- _____. *The Forty-Fifth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1849.
- _____. *The Forty-Sixth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1850.
- _____. *The Forty-Seventh Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1851.
- _____. *The Forty-Eighth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1852.
- _____. *The Fifty-First Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1855.
- _____. *The Fifty-Fifth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1859.
- _____. *The Fifty-Sixth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1860.
- _____. *The Fifty-Seventh Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1861.
- _____. *The Fifty-Ninth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1863.
- _____. *The Sixtieth Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1864.
- _____. *The Sixty-First Report*. Londres: British and Foreign Bible Society, 1865.
- Cambridge University Library / Janus. "BFBS Collections: Index of Foreign Correspondents". Disponível em <http://janus.lib.cam.ac.uk/db/node.xsp?id=BSA%2FX>. Internet; acessado em 27 de Agosto de 2005.
- Cardoso, Manuel P. *Por Vilas e Cidades: Notas para a História do Protestantismo em Portugal*. Lisboa: Seminário Evangélico de Teologia, 1998.
- Castro, Armando de. "A Dinâmica Económica Portuguesa de Meados do Século XVII a Meados do Século XVIII" em *História de Portugal: Dirigida por José Hermano Saraiva*, vol. 5. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.
- Darlow, T. H. e H. F. Moule. *Historical Catalogue of the Printed Editions of Holy Scriptures in the Library of the British and Foreign Bible Society*, vol. 2. Londres: The Bible House, 1911.
- Detzler, Wayne A. "The Bible Societies" em *Eerdman's Handbook to the History of Christianity*. Grand Rapids: Eerdmans Publishing Co., 1987.
- Fernandes, Ferreira. *Madeirenses Errantes*. Lisboa: Oficina do Livro, 2004.
- Fernandes, Isabel Alexandra. *Reis e Rainhas de Portugal*. Cacém: Texto Editora, 2002.
- Flores, José. *Jorge Borrow y la Biblia*. Madrid: Literatura Cristiana, 1960.
- Henriques, João P. "Os Protestantes e o seu Impacto Sócio-Cultural em Portugal: Contributos para a Elaboração de um Roteiro Turístico". Tese de Licenciatura, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, 2004.
- Holmgren, Laton E. "Bible Societies" em *The Oxford Companion to the Bible*. Nova Iorque: Oxford University Press, 1993.
- Lopes, António. *Marquês de Pombal e a Companhia de Jesus: Correspondência Inédita ao longo de 115 Cartas*. Cascais: Principia, 1999.
- Lopes, David. *Expansão da Língua Portuguesa no Oriente nos Séculos XVI, XVII e XVIII* – 2.^a edição. Porto: Portucalense Editora, 1969.
- Moreira, Eduardo. "Os Protestantes em Portugal". *O Século: Suplemento Ilustrado*, 21 de Abril de 1910, s/p.
- _____. *Crisóstomo Português: Elementos para a História do Púlpito*. Lisboa: Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1957.

- _____. *Vidas Convergentes*. Lisboa, Junta Presbiteriana de Cooperação em Portugal, 1958.
- Neto, Vítor. “O Estado e a Igreja” em *História de Portugal: Direcção de José Mattoso*, vol. 5, *O Liberalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- Robertson, Edwin H. *Taking the Word to the World: 50 years of the United Bible Societies*. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 1996.
- Santos, Luís Aguiar. “A Transformação do Campo Religioso Português” em *História Religiosa de Portugal*, vol. 3, *Religião e Secularização*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.
- Saraiva, José Hermano. “As Invasões Francesas e a Crise do Fim do Regime” em *História de Portugal: Dirigida por José Hermano Saraiva*, vol. 5. Lisboa: Publicações Alfa, 1983.
- _____. *História de Portugal*. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1993.
- Silva, António Martins da. “A Vitória Definitiva do Liberalismo e a Instabilidade Constitucional: Cartismo, Setembrismo e Cabralismo”, em *História de Portugal: Direcção de José Mattoso*, vol. 5, *O Liberalismo*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993.
- Steer, Roger. *Good News for the World: 200 Years of Making the Bible Heard; the Story of Bible Society*. Oxford: Monarch Books, 2004.